

INTERDISCURSO E MEMÓRIA DISCURSIVA EM CHARGES POLÍTICAS

Magda Wacemberg Pereira Lima CARVALHO³⁸

Nadia Pereira Gonçalves de AZEVEDO³⁹

Resumo: Este estudo se propõe a apresentar algumas considerações sobre o funcionamento da memória discursiva e do interdiscurso no quadro teórico da Análise do Discurso de linha francesa, sendo o *corpus* desta análise constituído por charges políticas. Assim, foram analisadas três charges; duas apresentam o desconforto da presidenta Dilma Rousseff diante da espionagem norte-americana, e uma retrata a aliança política entre o Rede e o Partido Socialista Brasileiro. Nessas condições, o humorista gráfico resgata o acontecimento histórico e materializa-o iconicamente, permitindo que as charges presentifiquem a memória discursiva e o interdiscurso por meio de repetição, paráfrase e dizeres já-ditos e esquecidos.

Palavras-chave: Análise do Discurso francesa. Memória Discursiva. Interdiscurso.

Abstract: *This essay aims to introduce some considerations about the discursive memory and interdiscourse functioning in the theoretical field of French Discourse Analysis, the corpus of this study is based on political cartoon strips. Thus, three cartoons have been analyzed; two of them show the awkward moment of the president Dilma Rousseff towards North American espionage, and one portrays the political alliance between the Rede and the Partido Socialista Brasileiro. Under those conditions, the cartoonist recalls the historical event and registers it iconically, allowing the comic strips to be witnesses of the discursive memory and the interdiscourse through repetitions, paraphrases and sayings previously said and forgotten.*

Keywords: *Analysis of French Discourse, Discursive Memory, Interdiscourse.*

³⁸ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: magdapcarvalho@hotmail.com

³⁹ Professora-pesquisadora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: nadiaazevedo@gmail.com

Considerações Iniciais

Este trabalho tem como propósito refletir sobre os conceitos de memória discursiva e interdiscurso, na perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa, em charges políticas divulgadas em sites de jornais brasileiros. Para isso, tomaremos dois acontecimentos ocorridos no país, no último semestre de 2013: a interceptação de informações sigilosas sobre atividades da economia brasileira pelo governo norte-americano e a formação de alianças políticas transitórias para as eleições presidenciais de 2014. Diante disso, objetivamos, neste trabalho, compreender o funcionamento do interdiscurso e da memória discursiva no corpus selecionado.

Caricaturas e Charges: um pouco de história

A história da caricatura atribui o pioneirismo aos irmãos Annibale e Agostinho Carraci, pintores italianos conhecidos, no século XVII, pela autoria da decoração do Palácio Farnese. Agostinho Carraci empregou o termo *caricare* (carregar, no sentido de exagerar) pela primeira vez em 1646 para nomear as séries de desenhos satíricos feitos por ele.

A arte de caricaturar só foi popularizada, segundo Magno (2012), quase um século depois, em 1730, pelo inglês Willian Hogarth, cujos desenhos apresentavam assuntos morais modernos que satirizavam a política contemporânea e as alfândegas. Outro importante disseminador desse gênero artístico foi o francês Honoré Daumier, que usou a caricatura como crítica política, voltada, em especial, ao governo do rei da França, Luís Filipe I.

No Brasil, a caricatura apareceu, de acordo com Magno (2012), no Segundo Reinado, em 1837, com a publicação anônima de Manuel de Araújo Porto-Alegre no Jornal do Comércio, em 14 de dezembro, satirizando seu desafeto, o jornalista Justiniano José da Rocha, na época diretor do jornal Correio Oficial.

O gênero charge, por sua vez, corresponde a um estilo de ilustração que tem por finalidade satirizar, por meio de uma caricatura, algum acontecimento atual com um ou mais personagens envolvidos. A palavra é de origem francesa e significa *carga*, por isso o exagero dos traços dos caricaturados a fim de torná-los burlescos.

As primeiras charges publicadas eram, conforme Magno (2012), vendidas avulsas em lojas e livrarias. As publicações regulares dessas ilustrações ocorreram somente a partir de

1844 pela revista “Lanterna Mágica”, periódico de humor político, lançada por Manuel de Araújo Porto-Alegre.

Mais tarde, no cenário da imprensa brasileira, surgiram outras revistas que seguiram os passos da pioneira Lanterna Mágica, publicando semanalmente charges políticas, dentre elas destacam-se: “Semana Ilustrada”, “Vida Fluminense”, “O Mosquito”, “Comédia Social”, “O mequetrefe” e “Don Quixote”.

Na década de setenta, do século XX, durante os “anos de chumbo”, surgem, consoante Magno (2012), alguns dos principais nomes da charge no Brasil, são eles: Ziraldo, Jaguar, Millôr Fernandes, Lan, Chico Caruso e Henfil.

Diante da importância atribuída às charges políticas ao longo dos anos, assumimos, na perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa, esse gênero textual como objeto de análise discursiva, desenvolvida na terceira seção deste trabalho.

Memória Discursiva e Interdiscurso: algumas considerações teóricas

Para pensar sobre *memória* e *interdiscurso*, tomamos, inicialmente, o texto *Semântica e Discurso*, de Michel Pêcheux (1997), em que o autor trata sobre o sentido que as palavras, expressões e proposições assumem quando enunciadas.

Nesse texto, Pêcheux aponta que é a ideologia que fornece as

evidências que fazem com que uma palavra ou enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 1997, p.160)

De acordo com Pêcheux (1997), o caráter material do sentido consiste na dependência constitutiva do que ele designou como “o todo complexo das formações ideológicas”, onde, segundo o autor, o sentido da linguagem não existe “em si mesmo”, mas na formação ideológica e discursiva em que o discurso é produzido. Pêcheux assinala ainda que “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’[...] no complexo das formações ideológicas [...]” (PÊCHEUX, 1997, p.162). Nessa dimensão, Pêcheux propõe chamar *interdiscurso* esse “todo complexo com dominante” das formações discursivas, esclarecendo

que o interdiscurso também é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que caracteriza o complexo das formações ideológicas.

Para Pêcheux, a interpelação do indivíduo como sujeito de seu discurso se dá pela Formação Discursiva que o domina, segundo sua relação com o **pré-construído**, o “sempre já-aí da interpelação ideológica que fornece-impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido’ sob a forma da universalidade” (PÊCHEUX, 1997, p.164), e com a **articulação**, relação entre o sujeito e o sentido, que determina a dominação da forma-sujeito assumida em uma Formação Discursiva específica.

O caráter da forma-sujeito tende, segundo Pêcheux, a “absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso” (1997, p.167), no que se diz agora, com relação ao que se disse antes e ao que se dirá depois, num fenômeno linguístico de paráfrase e reformulação, onde se constitui a ilusão de uma “intersubjetividade falante”, pela qual cada falante reproduz o discurso do outro, num efeito de espelhamento.

Essa reprodução do discurso acontece, segundo o autor, devido ao esquecimento a que o sujeito está suscetível, sendo que o esquecimento se dá, conforme Pêcheux (1997), de duas maneiras, pelo *esquecimento nº1*, da ordem do inconsciente, que revela como o sujeito é afetado pela ideologia, e pelo *esquecimento nº 2*, da ordem da enunciação, em que o sujeito, ao falar, o faz, segundo Orlandi (2012), de uma maneira e não de outra, produzindo a impressão da realidade do pensamento.

Para defender, na Análise de Discurso, a tese de que o sujeito produz seus discursos a partir do esquecimento, faz-se necessário admitir o papel exercido pela memória, dado que só esquecemos o que está, esteve ou estará nela. Nesse caso, Pêcheux (2010) afirma que a memória deve ser entendida não no sentido psicologista da “memória individual”, mas no sentido “da memória social”, que atua no interior de uma Formação Discursiva (FD) em uma relação de proximidade com o interdiscurso, visto que é a FD que “determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1997, p.160) no processo discursivo.

Sobre memória e esquecimento, Courtine (1999) retoma um acontecimento político ocorrido em 1948, onde Vladimir Clémentis tira seu chapéu para dar ao comunista Klement Gottwald, durante discurso para uma multidão, na sacada de um prédio em Praga, fato que repercute intensamente na mídia da época. Quatro anos depois Clémentis foi enforcado, acusado de traição e o departamento de propaganda encarregou-se de fazer com que ele

desaparecesse da história e das imagens, permanecendo apenas seu chapéu na cabeça de Gottwald.

Para Courtine, tratar acerca da anulação da imagem de Clémentis nas fotografias da época implica o apagamento da memória histórica, posto que quando se analisa a discursividade desse fenômeno, segundo Courtine, “não é da língua que está se tratando, mas de *discurso*, [...] não na ordem do gramatical, mas na ordem do *enunciável*, a ordem do que constitui o sujeito falante em seu discurso e ao qual ele se assujeita em contrapartida” (COURTINE, 1999, p.16). Diante disso, esse autor se propõe a investigar o campo dos enunciados a fim de entender sua condição de existência e sua correlação com outros enunciados. Para isso, ele estabelece a diferença entre o *nível da enunciação* e o *nível do enunciado*, assinalando que o primeiro é marcado pela materialização do discurso “por um sujeito enunciador em uma situação de enunciação dada” (COURTINE, 1999, p.18) e o segundo, é o lugar do interdiscurso que, de acordo com Courtine, materializa os enunciados por meio de formas linguísticas determinadas, num espaço considerado vertical, estratificado e desnivelado dos discursos, determinando os “dizeres” conforme a formação ideológico-discursiva na qual o sujeito está inserido.

Nessa perspectiva, o interdiscurso fornece, segundo o autor, “formulações constitutivas de uma relação imaginária no momento da enunciação com o domínio da memória” (COURTINE, 1999, p.20), fazendo com que não exista sujeito no interdiscurso, mas *posições de sujeito* que regulam o ato de enunciação conforme a posição ideológica assumida pelo enunciador. Dessa forma, o enunciável é, segundo Courtine (1999), exterior ao sujeito, dado que o sujeito falante se esquece da formação discursiva a qual pertence e reproduz discursos a partir de um já-dito, como se fosse a origem do dizer.

Nesse sentido, todo enunciado retoma outro que reflete numa sucessão de outros enunciados, onde o sentido não está no enunciado, mas na relação que este mantém com quem o produz, regulamentada pelo todo complexo das formações ideológicas, onde a memória representa condição de existência do acontecimento discursivo.

Para esse autor (1999), a formação do pré-construído, da repetição vertical produz efeitos de memória que nem sempre representam o sentido do enunciado, mas o esquecimento, “apagamento da memória histórica que deixa, como uma estreita lacuna, a marca de seu desaparecimento” (COURTINE, 1999, p.15).

Diante disso, é possível tomar memória discursiva e interdiscurso não como sinônimos, mas como fenômenos que se entrecruzam, uma vez a memória discursiva, segundo Indursky (2011), “diz respeito à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas reguladas pelos aparelhos ideológicos” (INDURSKY, 2011, p.86), enquanto o interdiscurso se refere, conforme Courtine (1999), a formulações que marcam diferentes enunciações articuladas linguisticamente por meio de citação, repetição e paráfrases.

Análise do *corpus* discursivo

Tomando a concepção teórica sobre memória discursiva e interdiscurso, na AD de linha francesa, esta seção será dedicada à análise de algumas charges políticas veiculadas na imprensa brasileira, de julho a outubro de 2013.

O material selecionado para análise foi coletado na internet, no site do Jornal do Comércio de Pernambuco e no blog Humor Político. Para este estudo, selecionamos três charges, as quais apresentam personagens do cenário político caricaturizadas, dentre elas a presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, e os pré-candidatos à Presidência da República, Marina Silva e Eduardo Campos.

As charges foram produzidas mediante dois acontecimentos históricos diferentes, um deles diz respeito às revelações de espionagem feitas por Edward Snowden, no início de julho de 2013. O ex-funcionário da Agência Nacional de Segurança (NSA) dos Estados Unidos afirmou para o mundo que o seu país espionava dados telefônicos e de internet de vários outros países. Em reportagem feita por uma emissora de televisão brasileira, foi revelado que, entre os países monitorados pelos Estados Unidos, o Brasil foi o país latino-americano mais espionado, tendo como “alvos” setores estratégicos da economia como a Petrobrás e o Ministério de Minas e Energia.

A presidenta da República, Dilma Rousseff, expressou sua indignação às denúncias de espionagem durante a 68ª sessão da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas declarando que o Brasil estava “diante de um caso grave de violação dos direitos humanos e das liberdades civis, [...], e, sobretudo de desrespeito à soberania nacional” do seu país.

Esse episódio teve extensa repercussão na mídia nacional e internacional tanto por evidenciar a fragilidade dos sistemas de informações dos países espionados quanto pela justificativa evasiva dada pelo presidente norte-americano, que, em resposta ao

pronunciamento da presidenta do Brasil, afirmou que as atividades de “monitoramento” visam detectar e combater o terrorismo e que, “como resultado desse trabalho e da cooperação com os aliados, o mundo agora é mais estável do que há cinco anos.”

Outro acontecimento de grande ressonância no cenário político nacional foi a filiação da ex-senadora Marina Silva ao PSB do governador de Pernambuco, Eduardo Campos, após o Tribunal Superior Eleitoral negar o registro do partido “Rede Sustentabilidade” para a eleição presidencial de 2014. Essa aliança foi recebida com surpresa na cena política devido, principalmente, à divergência entre o programa de governo postulado pelo Rede Sustentabilidade e o postulado pelo PSB. No entanto, esses pré-candidatos à Presidência da República esclareceram, durante o evento de filiação, que a “entrada” da ex-senadora ao PSB era uma filiação democrática transitória para atestar a participação do Rede Sustentabilidade como partido, mesmo sem registro, no pleito de 2014.

Diante desses eventos, humoristas gráficos trataram de reinterpretá-los por meio de charges e caricaturas, transformando, de acordo com Riani (2002), o acontecimento histórico em acontecimento discursivo.

FIGURA 1



FIGURA 2



Nestas figuras, é possível observar que a cena de espionagem aparece materializada em imagens que retomam o clássico conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho”, no qual a protagonista, uma garotinha com capuz vermelho, vai visitar sua avó e no percurso encontra um lobo “mau” que lhe sugere tomar outro caminho. A menina decide acatar a sugestão do lobo que trata de apressar-se para chegar primeiro a casa da vovó. Lá o lobo devora a senhora e disfarça-se para esperar Chapeuzinho. Quando a menina chega a casa e percebe a estranha

aparência da avó, inicia o lendário diálogo com o lobo: “Por que esses olhos tão grandes?”, “Por que essas orelhas tão grandes?”, “Por que essa boca tão grande?”

O lobo, por sua vez, responde prontamente à cada indagação da garota e, depois de responder à última pergunta de Chapeuzinho, salta sobre a pequena, devorando-a.

Essa narrativa, de origem europeia, circula no contexto social desde o século XIV, sendo passada de geração para geração como uma forma de herança cultural. Fenômeno que nos remete a Pêcheux (2010), quando esse autor trata sobre o papel da memória na produção de sentido dos discursos, posto que o conto de fadas resulta, segundo Bettelheim (1980), “do conteúdo comum consciente e inconsciente [...] não de uma pessoa em especial, mas do consenso de várias a respeito do que consideram problemas humanos universais, e o que aceitam como soluções desejáveis.” (BETTELHEIM, 1980, p.46).

Diante disso, é possível entender que a repetição de uma narrativa atemporal, inscrita nas práticas de uma sociedade, presentifica o que Indursky (2011) designou como *memorável*, que é da ordem do “todos sabem, todos lembram”, diferente da “*memória discursiva* que é da ordem ideológica” (INDURSKY, 2011, p.87), refletindo o entrecruzamento de sentidos da memória mítica e da memória social quando essa narrativa é enunciada a partir de determinada Formação Discursiva.

Observam-se, nas charges, que os chefes de Estado, Dilma Rousseff e Barack Obama são representados, iconicamente, como as personagens do conto em questão. Em ambas as figuras, a presidenta do Brasil é retratada como Chapeuzinho Vermelho, enquanto o presidente dos Estados Unidos figura como o lobo mau, que ludibria a inocente “Chapeuzinho” para obter vantagem.

Na figura 1, a “Chapeuzinho-Rousseff” se vê diante do presidente norte-americano exageradamente orelhudo, numa referência às interceptações telefônicas realizadas pela ANS. Ao ser questionado sobre o tamanho de suas orelhas, ele silencia e apenas sorri ironicamente. Para a AD de linha francesa, “o silêncio não fala, ele significa” (ORLANDI, 2007, p.102), sendo possível compreender, nesta charge, que o silêncio de Obama produz o efeito de evidência de que ele tinha conhecimento sobre informações de dados sigilosos do Governo brasileiro. Já na figura 2, Obama é representado antropomorficamente pelo lobo, que, disfarçado de vovó, responde explicitamente que as orelhas grandes são para “espionar” a Chapeuzinho.

Diante dos diferentes enunciados apresentados nas charges, percebe-se, na figura 1, que o silêncio atribuído a Barack Obama presentifica a memória discursiva que, regulada pela Formação Discursiva e Ideológica do chargista, “determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1997, p.160) na imagem. Já na figura 2, percebe-se, pela repetição e, principalmente, pela paráfrase dos enunciados, a presença do interdiscurso, uma vez que este representa o que foi dito antes “por vozes anônimas, já esquecidas” (INDURSKY, 2011, p.86).

FIGURA 3



Esta charge retrata o episódio da coligação entre Marina Silva, representante do Rede Sustentabilidade e o Partido Socialista Brasileiro (PSB). A imagem recupera, pela memória mítica, o conto de João e o pé de feijão, no qual um menino, enganado por um estranho, troca um bovino por cinco grãos de feijão. Ao saber da negociação, a mãe de João fica enfurecida e este joga os grãos pela janela, os grãos germinam e dão origem a um gigantesco pé de feijão. O menino, curioso, resolve escalar o feijoeiro, deparando-se com o castelo de um gigante que ficava acima das nuvens. De lá, João se apropria de um saco com moedas de ouro, de uma galinha cujos ovos são de ouro e de uma harpa de ouro. Perseguido pelo gigante, João consegue descer e corta o pé de feijão.

Percebe-se, na imagem, que a nova filiada do PSB é caricaturizada como o pé de feijão, enquanto o presidente nacional do partido, o governador de Pernambuco Eduardo Campos, assume o papel do esperto João. Embora não haja diálogo enunciado pelas personagens, a inscrição dos números 5 e 15 em forma de porcentagem produzem o efeito de sentido de que a filiação da ex-senadora Marina Silva ao PSB representa a ascensão do pré-candidato deste partido nas pesquisas de intenção de voto, visto que antes da aliança Marina figurava como segunda colocada, enquanto Eduardo Campos ocupava o quarto lugar. Nessa

perspectiva, um dos efeitos de sentido provocado pela charge é a de que essa aliança representa, para o Partido Socialista Brasileiro, o fortalecimento estratégico de uma candidatura própria à Presidência da República, tendo em vista a expressiva votação obtida por Marina Silva no pleito de 2010 quando encabeçava a chapa do PV (Partido Verde).

Diante desse acontecimento, o chargista recupera, pelo pré-construído, já-dito da memória discursiva, o imaginário social de que as alianças políticas são feitas para consolidar as candidaturas em busca da vitória do partido majoritário. Nessa circunstância, o humorista gráfico revela a inscrição de uma Formação Discursiva astuciosa, semelhante à do conto “João e o pé de feijão”, já que tanto Marina quanto Eduardo declararam que esta era uma “filiação democrática transitória” para as eleições de 2014.

Considerações Finais

Ao assumir, neste trabalho, as charges políticas como objeto de análise discursiva, foi possível compreender que a imagem como texto de circulação social possibilita diferentes efeitos de sentido, posto que uma imagem não contém apenas um significado, mas múltiplos de acordo com as formações ideológicas do sujeito que vê.

Nessa dimensão, o humorista gráfico coloca em derrisão um personagem ou acontecimento político específico, transformando um acontecimento presente na memória social em acontecimento discursivo.

Dessa maneira, a materialidade discursiva das charges permite a intersecção entre memória discursiva, enquanto representação da existência histórica dos enunciados inscritos em determinada formação discursiva, e o interdiscurso, enquanto conjunto de enunciados ditos e esquecidos.

Referências

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CHARGES de Miguel. Disponível em: <http://jconlineinteratividade.ne10.uol.com.br/charge/> Acesso em 25/10/2013.

CHARGE de Sid. Disponível em: <http://www.humorpolitico.com.br> Acesso em 01/12/2013.

COURTINE, J-J. O chapéu de Clémentis. *Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político*. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Orgs.). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra-Luzzato, 1999, p.15-22.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, F; MITTMAN, S; FERREIRA, M.C.L. *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p.67-89.

MAGNO, Luciano. *História da Caricatura Brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre [et al.]. *Papel da Memória*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010, p.49-57.

_____. [1975] *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997, p.159-185.

ORLANDI, E.P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RIANI, C. *Linguagem e Cartum...tá rindo do quê? Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2002.